

REZAR COM MARIA

REZAR EM COMUNHÃO COM MARIA

A catequese de hoje é dedicada à oração em comunhão com Maria, e ocorre precisamente na véspera da solenidade da Anunciação. Sabemos que a via mestra da oração cristã é a humanidade de Jesus. Com efeito, a confiança típica da oração cristã não teria sentido se o Verbo não se tivesse encarnado, doando-nos no Espírito a sua relação filial com o Pai. Na leitura ouvimos falar daquela reunião dos discípulos, das mulheres piedosas e de Maria, que rezavam depois da Ascensão de Jesus: era a primeira comunidade cristã, que esperava o dom de Jesus, a promessa de Jesus.

Cristo é o mediador, a ponte que atravessamos para nos dirigirmos ao Pai.¹⁵⁶ É o único redentor: não existem corredutores com Cristo. É o mediador por excelência, é o mediador. Cada oração que elevamos a Deus é *por Cristo, com Cristo e em Cristo*, e realiza-se graças à sua intercessão. O Espírito Santo alarga a mediação de Cristo a todos os tempos e lugares: não há outro nome no qual podemos ser salvos.¹⁵⁷ Jesus Cristo: o único mediador entre Deus e os homens.

Da mediação única de Cristo adquirem significado e valor as outras referências que o cristão encontra para a sua oração e devoção, em primeiro lugar à Virgem Maria, Mãe de Jesus.

Ela ocupa um lugar privilegiado na vida e, portanto, também na oração do cristão, porque é a Mãe de Jesus. As Igrejas do Oriente representaram-na frequentemente como a *Odigitria*, aquela que

“indica o caminho”, ou seja, o Filho Jesus Cristo. Vem-me à mente aquela bonita, antiga e simples pintura da *Odigitria*, na catedral de Bari: Nossa Senhora mostra Jesus nu. Depois, vestiram-lhe a camisa para cobrir aquela nudez, mas, na verdade, Jesus é representado nu, para indicar que ele, homem nascido de Maria, é o mediador. E Ela indica o mediador: Ela é a *Odigitria*. Na iconografia cristã, a sua presença está em toda a parte, às vezes até com grande destaque, mas sempre em relação ao Filho e em função dele. As suas mãos, o seu olhar, a sua atitude são um “*Catecismo*” vivo e indicam sempre o âmago, o centro: Jesus. Maria está totalmente voltada para Ele.¹⁵⁸ A tal ponto que podemos afirmar que é mais discípula do que Mãe. Aquela indicação, nas bodas de Caná, Maria diz: “Fazei o que ele vos disser!”. Indica sempre Cristo; é a sua primeira discípula.

Este foi o papel que Maria desempenhou ao longo de toda a sua vida terrena e que conserva para sempre: ser a humilde serva do Senhor, nada mais. Numa certa altura, nos Evangelhos, ela parece quase desaparecer; mas volta nos momentos cruciais, como em Caná, quando o Filho, graças à sua intervenção solícita, fez o primeiro “sinal”,¹⁵⁹ e depois no Gólgota, ao pé da cruz.

Jesus estendeu a maternidade de Maria a toda a Igreja quando lhe confiou o discípulo amado, pouco antes de morrer na cruz. A partir daquele momento, fomos todos colocados debaixo do seu manto, como vemos em certos afrescos ou quadros medievais. Também na primeira antifona latina, *Sub tuum praesidium confugimus, sancta Dei Genitrix*: Nossa Senhora que, como Mãe a quem Jesus nos confiou, envolve todos nós; mas como Mãe, não como deusa, não como corredentora: como Mãe. É verdade que a piedade cristã sempre lhe atribui títulos bonitos, como um ilho à mãe: quantas palavras bonitas um ilho dirige à sua mãe, a

quem ama! Mas tenhamos cuidado: as belas palavras que a Igreja e os santos dirigem a Maria em nada diminuem a singularidade redentora de Cristo. Ele é o único redentor. São expressões de amor, como de um ilho à mãe, às vezes exageradas. Contudo, como sabemos, o amor leva-nos sempre a fazer coisas exageradas, mas com amor.

E assim começamos a rezar a ela com algumas expressões que lhe são dirigidas, presentes nos Evangelhos: “cheia de graça”, “bendita sois vós entre as mulheres”.¹⁶⁰ Em breve, à oração da ave-maria seria acrescentado o título “*Theotokos*”, “Mãe de Deus”, sancionado pelo Concílio de Éfeso. E, analogamente ao que acontece no Pai-nosso, depois do louvor acrescentamos a súplica: pedimos à Mãe que reze por nós, pecadores, para que interceda com a sua ternura, “agora e na hora da nossa morte”. Agora, nas situações concretas da vida, e no momento final, a fim de que nos acompanhe – como Mãe, como primeira discípula – na passagem para a vida eterna.

Maria está sempre presente à cabeceira dos seus filhos que deixam este mundo. Se alguém se encontra sozinho e abandonado, ela é mãe, está ali perto, tal como estava próxima do seu Filho quando todos o tinham abandonado.

Maria estava e está presente durante os dias da pandemia, perto das pessoas que infelizmente concluíram o seu caminho terreno numa condição de isolamento, sem o conforto da proximidade dos seus entes queridos. Maria está sempre presente, ao nosso lado, com a sua ternura maternal.

As orações a ela dirigidas não são vãs. Mulher do “sim”, que aceitou prontamente o convite do anjo, responde também às nossas súplicas, ouve as nossas vozes, até aquelas que

permanecem fechadas no coração, que não têm a força para sair mas que Deus conhece melhor do que nós mesmos. Ouve-as como mãe. Como e mais do que todas as mães bondosas, Maria defende-nos nos perigos, preocupa-se conosco, até quando estamos ocupados com os nossos afazeres e perdemos o sentido do caminho, colocando em perigo não só a nossa saúde, mas a nossa salvação. Maria está presente reza por nós, reza por quem não ora. Reza conosco. Por quê? Porque ela é a nossa Mãe!

Audiência geral 24 de março de 2021

CAPÍTULO 25

156 Cf *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2674.

157 Cf. At 4,12.

158 Cf *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2674.

159 Cf. Jo 2,1-12.

160 Cf *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2676ss..